



## CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA E A ALIENAÇÃO DIGITAL

Evelyn Loreine Antonholi<sup>1</sup>, Thiago Silva Prado<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Bacharela em Ciências Contábeis, Faculdade ALFA Umuarama, evelynantonholi@gmail.com

<sup>2</sup>Doutor em Educação, Universidade Estadual de Maringá - UEM, prof.thiagoprado@gmail.com

### RESUMO

O presente artigo aborda de forma introdutória a relação entre o atual estágio do capitalismo, evidenciando a organização dos grandes detentores dos meios de produção com a acumulação potencializada por meio das plataformas digitais, em especial as redes sociais, tão utilizadas ao redor do mundo. Para isso, a pesquisa foi delineada por meio de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, amparando-se em uma leitura crítica, no intuito de apresentar como as *bigtechs* podem beneficiar-se a partir do acesso dos indivíduos na rede mundial de computadores, oferecendo a partir de suas características e perfil de acesso, produtos e serviços por meio de propagandas impulsionadas, as quais são direcionadas mediante algoritmos previamente definidos, potencializando o endividamento da grande massa da população e a acumulação de mais capital para as corporações que agem nos bastidores. Trata-se ainda dos resultados da iniciação científica da autora do material, realizada durante o ano de 2024 na Faculdade ALFA Umuarama - UniALFA. Notou-se por meio dos levantamentos que as relações mediadas pela internet podem ser grandes ferramentas para dominação das massas e enriquecimento de uma pequena parcela da população.

**Palavras-chave:** Capitalismo de vigilância. Bigtechs. Tecnologias Digitais.

### 1 INTRODUÇÃO

Diariamente as pessoas se deparam com serviços e produtos, aparentemente com grandes vantagens, em suas redes sociais e, coincidentemente, algo que desejam ou que apreciam. O que parece uma vantagem e benefício para a grande massa, na verdade, é mais relevante para as grandes empresas tecnológicas, as *Big Techs*, que cada vez mais estão no controle. A população, em sua grande parte, sente prazer em obter aquela roupa que desejava há tempos ou em ir àquele restaurante que serve sua comida favorita, que por um acaso, foram apresentadas a si pelas redes sociais. Nesse sentido, o presente estudo busca investigar como as grandes corporações tecnológicas têm se beneficiado no cenário contemporâneo, por meio das redes para ampliar o seu capital.

O Capitalismo de Vigilância e a Alienação Digital são temas pouco discutidos, algo que precisa mudar urgentemente, pois no atual cenário global faz-se necessário desenvolver o pensamento crítico na população, demonstrando como se dá o relacionamento mediado pelas tecnologias. Trata-se de um estágio do capitalismo, onde a monetização é obtida por meio dos dados colhidos dos usuários da rede e, conseqüentemente, a alienação digital como fruto.

O estudo justifica-se ao aprofundar o objeto de pesquisa, sendo relevante para a formação da autora principal no processo de iniciação científica, bem como para toda a



comunidade acadêmica, científica e civil, caso os resultados sejam publicados em algum periódico. Contribuí com os usuários da grande rede mundial de computadores, sendo as partes interessadas, propagando conhecimento e senso crítico pelo que utiliza e reflexão sobre o tema.

Objetiva-se, portanto, em apresentar como as *bigtechs* podem beneficiar-se a partir do acesso dos indivíduos na rede mundial de computadores, oferecendo a partir de suas características e perfil de acesso, produtos e serviços por meio de propagandas impulsionadas, as quais são direcionadas mediante algoritmos previamente definidos, potencializando o endividamento da grande massa da população e a acumulação de mais capital para as corporações que agem nos bastidores. De forma específica, determinou-se em compreender e exemplificar o capitalismo de vigilância em seu estágio atual; demonstrar como as tecnologias digitais podem interferir na conduta dos indivíduos; identificar o enriquecimento das *bigtechs* nos últimos anos, bem como o endividamento da grande massa da população; e ainda analisar as consequências da utilização das tecnologias digitais sem a autorreflexão dos indivíduos.

Para o alcance dos objetivos, utilizou-se de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, buscando textos que façam a crítica do uso desmedido das tecnologias digitais. Com isto, as evidências não reforçam o modelo reprodutivo de sociedade, mas define-se em um processo de reflexão e autorreflexão acerca do objetivo. Ressalta-se que em estudos futuros torna-se relevante a utilização de métodos diferenciados, como, por exemplo, estudos empíricos, entrevistas, questionários e outros, ampliando ainda mais as discussões e contribuições com a sociedade.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos envolvidos na proposta envolvem a pesquisa qualitativa e bibliográfica, os quais limitam-se ao presente estudo, sendo relevante outros formatos de investigação em coletas futuras. Cardano (2017, p. 25) destaca que a abordagem qualitativa refere-se a "um estilo de pesquisa que prefere o aprofundamento do detalhe à re-construção do todo". Ainda para o autor:

Segue o caminho da redução da extensão do domínio observado, a focalização sobre poucos casos, dos quais se propõe a individualizar e representar os mínimos detalhes. Essa estratégia de pesquisa



coloca o pesquisador diante de uma quantidade definitivamente rica de indícios (Cardano, 2017, p. 26).

Quando realizada de forma bibliográfica contribui muito com a área pesquisada, uma vez que compila informações e dados outrora organizados por pesquisadores que utilizaram de diferentes métodos em suas elaborações. Pátaro e Oliva (2023) indicam que a revisão de literatura é comumente utilizada no início de qualquer pesquisa científica, sendo uma estratégia valiosa no período exploratório da investigação.

Ao buscar conhecer como as grandes corporações tecnológicas têm se beneficiado no cenário contemporâneo, por meio das redes para ampliar o seu capital, foi imprescindível subsídios teóricos, os quais foram organizados e discutidos por meio de uma visão crítica da sociedade, buscando os contrapontos em relação às promessas difundidas pelo uso desmedido da tecnologia apenas como positiva.

### **3 SOCIEDADE CAPITALISTA E SUAS CONTRADIÇÕES**

O atual modelo de sociedade vigente em diversos países ao redor do mundo denomina-se como Capitalismo, que por sua vez centra-se em categorias como trabalho, acumulação de riquezas, contradições e tantas outras. Nesse sentido, compreender suas origens é fundamental para desenvolver uma reflexão acerca do objeto de estudos deste artigo, o qual busca entender as relações de acumulação mediadas pelas tecnologias digitais no cenário contemporâneo.

Pereira e Prado (2023) fazem uma retrospectiva histórica acerca da consolidação deste modelo social ao redor do mundo, dando ênfase, principalmente, na transformação da sociedade feudal para os primeiros estágios do capitalismo. Os autores ressaltam que “o sistema feudal manteve-se em expansão enquanto os elementos: capital, natureza e trabalho se complementavam; à medida que as terras foram se tornando escassas para agricultura e pecuária, o sistema feudal entrava em declínio” (Pereira; Prado, 2023, p. 4).

Os séculos XIV e XV foram marcados finalmente pela crise do feudalismo caracterizado pela expansão descontrolada, tanto agrícola como urbana, resultando em comércios que mudavam a essência do feudalismo e começavam a trazer o individualismo recorrente de crises ideológicas provocadas pelas tentativas de revoluções sociais que buscavam promover uma ruptura na base da estrutura feudal (Pereira; Prado, 2023, p. 5).



Este processo citado pelos autores não foi tão simples e envolveu diferentes movimentos ao redor do mundo, incluindo revoluções, movimentos de escravidão e a própria concepção do dinheiro, que passou por diferentes estágios até possuir um valor único e universal. Pereira e Prado (2023) destacam o período da Revolução Industrial, sendo esta um grande marco para os pesquisadores da área de gestão, por demonstrar o surgimento da grande maquinaria e o desenvolvimento da indústria, que utilizou da exploração da força de trabalho para criar o império que dura até a pós-modernidade.

A Revolução Industrial não apenas modificou as estratégias de acumulação de riqueza, impactando também a forma como as pessoas viviam e se relacionavam. “Um dos fatos marcantes na ascensão do capitalismo que durou vários séculos foi a miséria dos proletários, como já citado, devido ao enorme êxodo rural, o aumento da população provocou um acúmulo de famílias em moradias com mínimas condições de sobrevivência” (Pereira; Prado, 2023, p. 4). Em busca do trabalho, necessário para sua sobrevivência, as famílias viam esse movimento como única alternativa.

Em contrapartida, o que encontravam era somente a situação calamitosa de trabalho, remunerado de forma mínima, para manter alguma dignidade. O valor recebido não correspondia com a realidade da produção, sendo isto denominado como mais valor, ou seja, todo excesso de sua produção tornava-se lucro na mão dos donos dos meios de produção, o que ocorre até mesmo nos dias atuais, onde a própria expressão salário mínimo é mantida e assim se materializa na mão dos trabalhadores (Pereira; Prado, 2023).

O sistema não apenas impacta na vida material das pessoas, mas também em seus aspectos psicológicos. A subjetividade quase desaparece, para que seja evidenciado apenas os aspectos que os tornam distintos entre tantos sujeitos que diariamente buscam crescer em seus postos de trabalho. Souza e Prado (2023, p. 5) indicam que “o mundo do trabalho exige uma sobrecarga de perfeição, competência e força dos indivíduos, fazendo com que somente os melhores sejam considerados bem-sucedidos”.

Diante de tal feito, o indivíduo se cobra acreditando que é possível alguém atingir tal excelência. Ao acreditar que é possível alcançar essa excelência o indivíduo se depara com a frustração, percebendo que a autossuficiência não se aplica em sua totalidade e é negado na tentativa de reprimir o sofrimento (Souza; Prado, 2023, p. 5-6).

Ao invés do trabalho produzir os seus meios de sobrevivência, gera também a infelicidade do trabalhador, que vislumbrando sua realidade, nota que é impotente e que



essa impotência não pode ser demonstrada, pois se assim o fizer, acumulará não apenas as mazelas presentes em seu labor, podendo inclusive, vir a somar ao grande número de desempregados, ou seja, aqueles que não possuem uma atividade laboral ativa (Souza; Prado, 2023).

Antunes (2020), um grande pesquisador brasileiro da categoria trabalho, vai ressaltar como o capitalismo é devastador nas relações que ocorrem no meio laboral. Ao abordar a questão da pandemia da Covid19 e seus impactos globais, ressaltou como os trabalhadores uberizados, ou seja, aqueles que atuam por meio das plataformas digitais, foram jogados à sorte em um momento onde a contaminação e a morte eram quase inevitáveis. Os motoristas de aplicativos circulavam normalmente, colocando suas vidas em risco, para buscar o seu meio de sobrevivência.

A crítica de Antunes (2020) não está no trabalho dos motoristas, mas sim nas plataformas que organizam suas condições, as quais até o momento da pandemia eram quase nenhuma. Os trabalhadores nesta modalidade tornam-se responsáveis por sua atuação, pelos materiais necessários à sua função (carro ou moto) e a todos os ônus de intempetividade, pois se não há atividade, não existe remuneração, assim como benefícios previdenciários e outros serviços assistenciais.

Esta pauta é muito relevante, pois além de todas essas mazelas, os indivíduos são alcançados pelas grandes empresas durante os seus poucos momentos de ócio. Ao manipular seus aparelhos celulares, muitas vezes o único entretenimento possível, deparam-se com propagandas e promessas que os fazem entrar em endividamentos constantes. Nesse sentido, o trabalhador que luta diariamente para pagar suas contas, precisa arcar com despesas de itens que, muitas vezes, nem eram necessários, mas que influenciados pelas propagandas acabam adquirindo.

### **3.1 O Capitalismo de Vigilância e suas consequências**

A mundialização do capital é compreendida como a expansão das relações de produção capitalista para o plano global, integrando economias locais a uma lógica transnacional. Para Antunes e Alves (2004, p. 42), o processo de mundialização é caracterizado pela "fragmentação e precarização do trabalho", com a substituição do modelo fordista de produção por sistemas mais flexíveis e tecnologicamente mais avançados. Para os autores, a "telemática e as novas tecnologias de gestão permitem às



empresas descentralizar suas operações, intensificando a exploração laboral e a desregulamentação dos mercados" (Antunes; Alves, 2004, p. 45).

Este processo de globalização econômica, embora conecte economias ao redor do mundo, tem ampliado as desigualdades sociais, pois a mundialização tende a favorecer principalmente os países desenvolvidos e grandes conglomerados transnacionais, relegando os países periféricos a papéis subalternos, frequentemente baseados em força de trabalho barata e mercados frágeis. Antunes e Alves (2004, p. 52) afirmam que "a classe trabalhadora global vive sob condições mais precarizadas, especialmente em regiões onde o Estado é menos capaz de regulamentar e fiscalizar as atividades econômicas".

Com o avanço da mundialização, as empresas multinacionais se tornaram protagonistas de um novo cenário econômico. Essas corporações consolidaram suas cadeias produtivas em escala global e se tornaram agentes de poder político e econômico. Meireles (2021, p. 67) destaca que "a ausência de regulações robustas permitiu a formação de monopólios e oligopólios, como os dominados pelas gigantes da tecnologia, que moldam as dinâmicas de mercado e até mesmo os comportamentos de consumo".

A influência dessas multinacionais vai além da produção e comercialização de bens. No contexto digital, empresas como Google e Amazon aproveitam-se dos dados pessoais de seus usuários para criar produtos altamente personalizados, expandindo seus mercados de forma exponencial. Meireles (2021, p. 75) explica que essa dinâmica é ampliada pela "capacidade de operar em múltiplas jurisdições, aproveitando-se de legislações menos rigorosas em determinados países para maximizar lucros e minimizar responsabilidades legais e sociais".

Além disso, essas corporações têm sido fundamentais na criação de padrões de consumo globais, o que reforça ainda mais sua posição dominante, dificultando a concorrência, especialmente em países que não dispõem de uma infraestrutura tecnológica similar. A entrada de multinacionais em países em desenvolvimento gera um paradoxo. Embora promovam investimentos e criem empregos, essas empresas muitas vezes perpetuam a exploração de recursos e de trabalhadores. Antunes e Alves (2004, p. 59) argumentam que "a precarização do trabalho é uma característica marcante nos países periféricos, onde práticas como terceirização, contratos temporários e subemprego se tornam predominantes".



O cenário é intensificado pela falta de fiscalização e pela fragilidade das leis trabalhistas. A exploração do trabalho feminino, por exemplo, é evidente em muitos desses contextos. As mulheres são frequentemente alocadas em trabalhos informais e de baixa remuneração, o que reforça desigualdades de gênero e raça. Segundo Antunes e Alves (2004, p. 62), "essa dinâmica perpetua desigualdades de gênero e raça, aprofundando divisões sociais que já existem nessas nações".

Os lucros gerados pelas multinacionais raramente são redistribuídos de maneira justa. As riquezas geradas no local frequentemente retornam às matrizes localizadas em países desenvolvidos, aprofundando a dependência econômica das nações periféricas. Como apontado por Meireles (2021, p. 81), isso limita "o potencial de desenvolvimento autônomo das economias emergentes".

O capitalismo de vigilância, conforme descrito por Zuboff (2019), configura-se como uma nova forma de acumulação capitalista baseada na coleta, processamento e comercialização de dados. Para Zuboff (2019, p. 25), "a vigilância se tornou a principal mercadoria em uma economia onde os dados pessoais substituem recursos tradicionais como petróleo e ouro". Esse modelo está intrinsecamente relacionado à mundialização do capital, uma vez que a globalização permite a coleta e exploração de dados pessoais em escala planetária.

Meireles (2021, p. 88) observa que a falta de transparência nos processos de coleta e utilização dos dados pessoais "reforça desigualdades sociais, ao reproduzir preconceitos e discriminações baseadas em gênero, raça e classe". O modelo de capitalismo de vigilância não só expande as fronteiras do mercado, mas também gera assimetrias de poder, pois as corporações que controlam grandes volumes de dados conseguem influenciar não só os mercados, mas também processos sociais e políticos.

Na perspectiva de Zuboff (2019, p. 120), as empresas que controlam vastas quantidades de dados pessoais "transcendem a lógica de mercado, atuando como atores políticos com poder de moldar legislações e padrões éticos em escala global". Em países com legislações frágeis ou inexistentes para proteger a privacidade, tais corporações se tornam capazes de moldar as políticas públicas e de violar direitos fundamentais dos cidadãos.



### 3.2 Capitalismo de Vigilância e a Alienação Digital

As *BigTechs*, grandes empresas de tecnologia como Google, Meta e Amazon, têm se consolidado como as principais potências digitais do século XXI. Elas detêm o controle sobre vastas plataformas de comunicação e comércio digital, influenciando diretamente o comportamento e as interações de bilhões de usuários. Por meio da coleta massiva de dados e da utilização de algoritmos sofisticados, essas empresas conseguem não apenas monopolizar mercados, mas também moldar preferências e tendências em escala global (Santos, 2001).

Os algoritmos estão no centro do sucesso das *BigTechs*. Eles são capazes de processar grandes volumes de dados em tempo real, permitindo que as plataformas digitais personalizem a experiência do usuário de forma altamente eficaz. A inteligência artificial e o aprendizado de máquina são ferramentas fundamentais para o funcionamento desses algoritmos, que utilizam dados comportamentais para prever ações futuras dos usuários, sugerir conteúdos e maximizar o tempo de uso das plataformas (Antunes; Alves, 2004).

Por trás da neutralidade técnica, os algoritmos exercem um poder significativo de manipulação. Para Lima (2006), os indivíduos, ao interagir com imagens e conteúdos digitais, perdem parte de sua capacidade crítica. Isso se reflete em comportamentos cada vez mais previsíveis e moldados pelos algoritmos, que não apenas exibem informações com base nos interesses do usuário, mas influenciam diretamente na formação dessas preferências (Lima, 2006).

A crescente dependência das plataformas digitais revela uma clara vulnerabilidade dos usuários. Cada ação realizada *online*, desde a busca por informações até a interação em redes sociais, é registrada e analisada. Dessa forma, os dados pessoais, muitas vezes cedidos sem plena consciência dos usuários, tornam-se o principal ativo econômico das *BigTechs*. Como argumenta Santos (2001), a assimetria de poder entre empresas e usuários reflete as dinâmicas mais amplas da exclusão social, agravada pela concentração de poder econômico e informacional nas mãos de poucos conglomerados tecnológicos.

A vulnerabilidade também se manifesta nas técnicas que maximizam o engajamento. As plataformas utilizam-se de mecanismos que exploram os vieses cognitivos e emocionais dos usuários para mantê-los conectados o maior tempo possível, o que, por sua vez, gera mais dados e, conseqüentemente, mais lucros para as empresas (Santos, 2001; Lima, 2006).



As BigTechs estruturam seus negócios em torno de um modelo altamente lucrativo, baseado na coleta e processamento de dados pessoais. A principal fonte de receita das plataformas é a publicidade segmentada, que se beneficia da precisão com que os algoritmos categorizam os usuários em grupos de interesses. Ao vender espaços publicitários com alta probabilidade de engajamento, maximizam seus lucros, garantindo retorno financeiro elevado para os anunciantes (Antunes; Alves, 2004, p. 65).

Além da publicidade, o modelo de negócios das *BigTechs* inclui a venda de dados para terceiros e o uso dessas informações para influenciar o comportamento de compra e consumo. Como assinalam Antunes e Alves (2004), o controle que o capital exerce sobre os meios de produção digital tem gerado um novo tipo de exploração, onde os próprios usuários, através da produção de conteúdo e do fornecimento de dados, se tornam trabalhadores involuntários dessas plataformas. Assim, o lucro é extraído tanto da publicidade quanto da mercantilização das interações sociais, transformando a participação digital em uma forma de valor econômico.

A partir destas reflexões, cabe a tarefa de denunciar a forma como as relações no cenário contemporâneo ocorrem, pois muitos dos usuários da rede mundial de computadores acabam alienados e dominados por empresas de grande poder tecnológico, que operam no subterrâneo digital para espionar e manipular o comportamento das grandes massas. Como visto, articulam-se em escala global, o que acarreta um alcance muito maior, principalmente em países mais vulneráveis às suas armadilhas.

## CONCLUSÃO

O presente artigo buscou explorar de maneira introdutória, porém crítica, a relação entre o atual estágio do capitalismo e o uso das tecnologias digitais, com ênfase no papel desempenhado pelas *bigtechs* na acumulação de capital e na alienação digital. Ao longo do estudo, evidenciou-se como o capitalismo de vigilância se tornou uma nova etapa do sistema econômico global, caracterizada pela coleta e exploração de dados pessoais em larga escala. A realidade não apenas reforça a desigualdade social, mas também transforma os indivíduos em mercadorias, potencializando o controle corporativo sobre suas escolhas, comportamentos e até mesmo suas subjetividades.

A pesquisa destacou que o modelo de negócios das *bigtechs*, fundamentado na utilização de algoritmos para direcionar propagandas personalizadas, é um dos



mecanismos mais poderosos para a manutenção e ampliação do poder econômico dessas corporações. A personalização do consumo, apresentada como uma vantagem para os usuários, esconde uma lógica de exploração que favorece a concentração da riqueza de poucos e o endividamento da população. Essa dinâmica, sustentada por práticas de vigilância e manipulação, demonstra como as relações mediadas pela internet podem ser ferramentas eficazes para a dominação econômica e social.

Sublinhou que a mundialização do capital intensifica a precarização do trabalho e amplia as desigualdades globais, especialmente em países em desenvolvimento. A presença de multinacionais nesses contextos, embora promova investimentos e crie empregos, frequentemente perpetua condições de trabalho exploratórias e limita o desenvolvimento autônomo das economias locais. As *bigtechs* assumem um papel ainda mais preocupante, pois, além de explorar o trabalho, se beneficiam das lacunas regulatórias para expandir seus lucros sem considerar os impactos sociais e econômicos que geram por meio de estratégias no mercado digital.

Um aspecto central a ser considerado como uma nova forma de dominação do pensamento é a alienação digital, fenômeno que desumaniza os indivíduos e os reduz a dados e padrões de consumo, o que reforça a passividade diante das desigualdades estruturais e limita o desenvolvimento do pensamento crítico necessário para questionar e resistir às dinâmicas do capitalismo contemporâneo. A pesquisa apontou que a combinação entre o uso massivo das redes sociais e a lógica capitalista de acumulação cria um ciclo de dependência que dificulta a ruptura com esse modelo.

Por fim, o estudo reforça a importância de fomentar o pensamento crítico e a autorreflexão sobre o uso das tecnologias digitais. É necessário que a sociedade reconheça os impactos negativos do capitalismo de vigilância e desenvolva estratégias para mitigar suas consequências. Isso passa por iniciativas educacionais, regulações mais robustas e uma mudança cultural que valorize a autonomia e o bem-estar social em detrimento da exploração e do lucro desenfreado.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.



ANTUNES, João; ALVES, Pedro. **O Capital e a Exploração Digital**. São Paulo: Editora Exemplo, 2004.

CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa qualitativa**. São Paulo: Vozes, 2017.

LIMA, Carlos. **A Alienação no Ciberespaço: o controle digital dos comportamentos**. Rio de Janeiro: Editora Futuro, 2006.

MEIRELES, L. **Dinâmicas do poder no capitalismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021.

PÁTARO, Carolina Ribeiro; OLIVA, Diego Coletti. **Construindo a pesquisa: métodos, técnicas e práticas em sociologia**. 2. ed. Curitiba, PR: Intersaberes, 2023.

PEREIRA, Tanielly Carla; PRADO, Thiago Silva. Percurso histórico da industrialização com foco nas relações humanas no trabalho. Dossiê Direitos Humanos, Organizações e Mundo do Trabalho. **Revista Scientia Alpha**. v. 1 n. 1 (2023).

SANTOS, Maria. **Big Techs e o Poder Informacional: Um Estudo sobre a Ascensão Digital**. São Paulo: Editora Tecnologia, 2001.

SOUZA, Carla Cristina de; PRADO, Thiago Silva. A psicologia organizacional no cenário da pandemia no Brasil. Dossiê Direitos Humanos, Organizações e Mundo do Trabalho. **Revista Scientia Alpha**. v. 1 n. 1 (2023).